

O fim da aventura humana está próximo?



Por **LEONARDO BOFF***

A Terra continuará pacificamente girando ao redor do sol. Mas sem nós

Se reduzirmos o processo cosmogênico de 13,7 bilhões de anos a um ano como o fez o cosmólogo Brian Swimme e antes dele Carl Sagan chegamos à conclusão de que o nosso ancestral primitivo surgiu no dia 31 de dezembro, às 22 horas. O atual que somos nós, o *sapiens sapiens*, no dia 31 de dezembro, 58 minutos e 10 segundos. Portanto, somos os últimos dos seres maiores a entrar em cena no processo da evolução, menos de dois minutos antes da meia-noite. Nós neste instante – comenta Brian Swimme – surgimos “10 segundos antes da meia-noite e somos os *nouveaux riche* da vida”.

Esse ser, portador de inteligência, de vontade e de propósito, por não possuir nenhum órgão especializado, obrigou-se a interferir na natureza para garantir sua subsistência. Mas desde o início o fez usando sua força a ponto de desequilibrar os vários ecossistemas. Como observou o economista-ecólogo húngaro Georgescu-Roegen (1906-1994), um dos primeiros colocar a questão dos limites do sistema-Terra, esse ser, o humano, é altamente criativo, agitado, agressivo e pouco afeito à medida. Por esta razão, diz ele, modificará a face do planeta, mas está destinado a ter vida curta sobre a Terra.

Lyn Margulis, em seu *Microcosmos: quatro bilhões de anos de evolução microbiana* (1990) chega a afirmar que nossa espécie é “uma espécie de erva daninha mamífera, não obstante nossa personalidade e realizações” (p. 213). Onde ela chega, ameaça as demais espécies, a ponto de modernamente termos inaugurado, segundo alguns cientistas, uma nova era geológica, o Antropoceno, vale dizer, o ser humano seria a grande ameaça à vida no planeta.

Ocorre um fenômeno que nos fez colocar a questão acima: será que não estamos acercando de nosso próprio fim? Alguns notáveis biólogos como A. Meredith e a própria Lyn Margulis, pensam que o recente e fantástico sucesso do ser humano no povoamento do planeta não passaria de “um fenômeno de ocaso”, quer dizer, do grande jogo de luzes antes do inevitável fim do espetáculo. A expansão populacional nos faz, realmente, pensar.

Somente em 1800 chegamos a um bilhão de pessoas; em 1930 já éramos dois bilhões; em 1974 alcançamos a cifra de quatro bilhões; em 1987 éramos cinco bilhões; em 1999 emergimos como sete bilhões e em 2022, finalmente chagamos a oito bilhões de pessoas.

Se bem observarmos há um crescimento exponencial. Comenta Lyn Margulis, uma das maiores especialistas em microbiologia: “De acordo com dados históricos sabe-se que as espécies se reproduzem frequentemente com considerável profusão momentos antes de se extinguirem” (*Microcosmos*, p.213). Outro grande cientista, John R. Plat comenta: “Ficamos atemorizados quando observamos estes exemplos de aceleração evolutiva” (*The Acceleration of Evolution*, em *The Futurist*, 1981).

O argumento que mais me convence e funda minha hipótese (não é mais que hipótese) de que nosso fim não está distante é fornecido pela própria Lyn Margulis. Ela usa o exemplo do que ocorre com os microorganismos colocados dentro da

a terra é redonda

cápsula de Petri. Cito: “A cápsula de Petri são placas redondas dotadas de alimento transparente, que permite ao investigador ver as colônias bacterianas sob a forma de pontos mesmo a olho nu. Alimentados com nutrientes os micróbios revelam-se quase sempre muito prolíficos... Ao esgotarem todas as substâncias nutritivas e ao atingirem as bordas da placa de Petri, os múltiplos bilhões de bactérias deixam de se desenvolver e de súbito morrem por falta de alimento e de espaço vital. Para a humanidade, o mundo pode mostrar-se idêntico a uma cápsula de Petri” (p. 214).

Os organismos da ONU tem mostrado anualmente a Sobrecarga da Terra (*The Earth Overshoot*). Chegamos a ela neste ano de 2023, no dia 22 de julho. Isto quer dizer: constatou-se o esgotamento dos nutrientes essenciais que a Terra nos fornece para garantir a continuidade da vida. Como, particularmente os países ricos, não diminuem seu suntuoso consumo, a Terra viva não pode mais dar o que não tem. Então responde com mais aquecimento global, mais eventos extremos, mais vírus letais e outros fenômenos que podem colocar o futuro da vida humana e da natureza em situação de dissolução e até desaparecimento. O citado cientista John R. Plat estima que a vida na Terra se avizinha de sua maior viragem depois de quatro bilhões de anos de existência. Não há consciência coletiva acerca deste risco na população nem nos “*decisions makers*” nem nos chefes de Estado.

Todos os anos milhares de espécies vivas desaparecem depois de permanecerem por milhões de anos sobre o nosso planeta. Chegando ao seu clímax desaparecem para dar lugar a outras. Pergunto: será que não chegou a nossa vez de desaparecer deste planeta? A Terra continuará pacificamente girando ao redor do sol. Mas sem nós.

Não desejaria que o prognóstico de um dos últimos grandes naturalistas, Jacob Monod, chegasse a se realizar. Em seu livro *E se a aventura humana viesse a falhar* (2000) observa: “somos capazes de uma conduta insensata e demente. A partir de agora se pode temer tudo, realmente tudo, inclusive a aniquilação da espécie humana. Seria o justo preço de nossas loucuras e de nossas crueldades” (p. 246).

Com esperança confiamos que ainda daremos um salto em nossa consciência, despertaremos, mudaremos de rumo e assim salvaremos a vida, nossas culturas e nosso futuro. É a esperança esperante.

***Leonardo Boff** é ecoteólogo, filósofo e escritor. Autor, entre outros livros, de *Habitar a Terra* (Vozes).
[<https://amzn.to/45TOT1c>]

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.**

[CONTRIBUA](#)